

SINODALIDADE: UM NÃO AO GOZO, A PARTIR DO PENSAMENTO DE JEAN-PIERRE LEBRUN

*Joanderson Marinho de Lira**

RESUMO: O psicanalista Jean-Pierre Lebrun, em sua obra **O futuro do ódio**, aborda o tema do ódio. Partindo da ideia de Jacques Lacan de que a linguagem é devedora de um vazio que existe em nós, ele afirma ser o ódio devedora desta linguagem. Este ódio constitui o homem e é necessário para a sua subjetivação, pois surge no contato com o outro (alteridade), único capaz de nos revelar o vazio, dizer o que nos falta, fazer-nos dar conta do nosso limite. Como o outro nos constrange, logo, somos levados a negá-lo e, conseqüentemente, à nossa não-subjetivação. Esta negação leva ao ‘gozo do ódio’, que é a incapacidade de reconhecer limites (vazio), resultando na perversão: ‘abusar do outro’ e ‘estar junto sem o outro’. Considerando a ideia da sinodalidade (caminhar juntos), ela se torna uma resposta positiva contra o ‘gozo’, levando a Igreja a reconhecer limites e saber ouvir o outro que grita e é diferente, superando certa ‘perversão eclesial’.

Palavras-chave: Linguagem. Ódio. Gozo. Perversão. Sinodalidade.

1. INTRODUÇÃO

O psicanalista Jean-Pierre Lebrun, apoiando-se na teoria da linguagem de Jacques Lacan, envereda uma rica e profunda análise sobre o ódio. Este como um habitante constitutivo em cada ser humano precisa ser bem endereçado para garantir um seguro processo de subjetivação.

Falar em linguagem e ódio, pressupõe o vazio que eles mesmo denunciam, maneiras que o outro, sempre necessário no processo de humanização, acaba por colocar a pessoa em confronto com a realidade, evidenciando no vazio os seus limites e a possibilidade de superar as frustrações.

O ódio é criativo e subjetivador na pessoa, em contra partida, o gozo do ódio gera um mundo de ilusões, de perversão no indivíduo. Essa, por sua vez, é a má escolha do endereçamento do ódio, pois sugere um ‘viver juntos sem os outros’ (VASCONCELOS, 2014, p. 134).

Considerando a proposta sinodal do Papa Francisco para alargar os horizontes da sinodalidade, percebemos que o caminho sinodal é um verdadeiro atentado ao desfrute do *gozo*. Ele nos convida à saída, a abandonar o gozo e encarar o vazio criativo, encontrado na fala de tantos outros. Sua proposta é um caminhar juntos com os outros.

* Mestrando do programa de pós-graduação em Teologia pela Universidade Católica do Pernambuco – UNICAP, bolsista da CAPES, e-mail: jo_anderson7@hotmail.com.

Nossa análise parte do 1º capítulo da obra “O futuro do ódio” de Jean-Pierre Lebrun, analisando a linguagem e o ódio, ele fala de um “gozo do ódio” como a recusa do vazio, a falta de subjetivação. Assim, a proposta de sinodalidade vai contrária a esta recusa, será um convite a superar o gozo.

2. A LINGUAGEM

Que todos nós possuímos o desejo da linguagem, é inegável. O simples movimento de nossas pulsões mais interiores podem revelar, sem muito esforço, esta naturalidade que compete à nossa natureza humana. Mas discutir a origem da linguagem e a sua incidência em nós coube não apenas aos estudiosos da linguagem humana, quanto também a psicanalistas. Desperta neste cenário o psicanalista Jacques Lacan.

Falamos porque existe um vazio que é pressuposto em nós ao próprio ato de falar. Para ele, conforme lembra Lebrun, “falar supõe vazio. Falar supõe um recuo, implica não mais estar ligado às coisas, podemos nos distanciar delas, não estar mais apenas no imediato, na urgência” (LEBRUN, 2008, p. 16).

Este vazio é o que, de fato, dá pulsão à linguagem. Muito embora não pensemos nisto, ali está. Falamos porque há um vazio em nós, e nossa fala é justamente o escopo para a nossa subjetivação.

Mas este processo não parece tão simples e aceitável assim. Ele é exigente e reflexivo. Põe cada um em confronto direto com um outro, do qual somos devedores da linguagem.

O Outro não é simplesmente o outro que está ali, mas literalmente o lugar da palavra. Existe, já estruturado na relação falante, este mais-além, este grande Outro para além do outro que vocês apreendem imaginariamente, este Outro suposto que é o sujeito como tal, o sujeito em que a fala de vocês se constitui, porque ele pode não somente acolhê-la, percebê-la, mas também responder a ela (LACAN, 1995, p. 80 apud BARROSO, 2015, p. 3)

É em contato com este outro que o vazio me é revelado. Sendo assim, no falar haverá uma perda que limitará ou desencadeará a subjetivação do falante, à medida em que aceita ou recusa o fato de, no vazio, ceder espaço para acolher o outro que fala e alimenta a pulsão do meu falar.

A própria linguagem denuncia este vazio, esta ausência, este negativo que habita em nós. E é, justamente nesta realidade, que o positivo na vida pode se organizar e dar base para

uma autêntica subjetivação (cf. LEBRUN, 2008, p. 18). Pois o ato de falar, que é assumir o vazio, a angústia, o comprometimento pelo dito, é o que nos torna, legitimamente, humanos.

3. O ÓDIO QUE HABITA EM NÓS

Se por um lado existe a linguagem porque existe um vazio, Lebrun considera a ideia de Lacan para sustentar também a noção de que o ódio habita em nós, faz parte constitutiva de nossa vida e o faz propriamente porque falamos.

“O ódio que nos habita é, portanto, primeiramente, ódio do que implica a fala” (LEBRUN, 2008, p. 16). O ódio sempre esteve em nós, ficando ainda mais claro na nossa linguagem. O modo como isto se dá se percebe na nossa necessidade de falar, sobretudo na relação com o outro.

Para Lebrun, “o ódio nos habita pelo fato de falarmos, e, pior ainda, que ele nos habita, assim, irredutivelmente, tão intimamente inscrito no que somos” (LEBRUN, 2008, p. 15). Dado que é o outro quem desperta a pulsão para o falar, não poderia ser diferente também quanto ao ódio, este se apresenta no fato de estar diante de um outro. “O ódio é, portanto, também vestígio de que outro nos atingiu, pelo menos uma vez” (LEBRUN, 2008, p. 14)

É preciso compreender que o outro não pode ser visto ou compreendido como alguém ruim, que nos dispõe a uma realidade pessimista, senão como aquele que denuncia a nós mesmo o nosso vazio, o nosso limite, a nossa contingência. Pois, “falar é também colocar o Outro em si, reconhecê-lo ali, revelá-lo como inscrito no coração do nosso ser”, afirma Lebrun (2008, pág.15).

Para o autor, “nós somos fabricados no material do Outro” (Lebrun, 2008, p. 26). A alteridade se impõe como necessária à pessoa para que ela possa, assim, se subjetivar. Do outro recebemos a palavra, percebemos o vazio, devemos compreender nosso limite e, portanto, neste vazio provocado pela alteridade, podemos sustentar, paradoxalmente, nossa singularidade.

Aí está porque o ódio se aninha no coração do ser de cada um. Não somente ele nasce devido à palavra, não somente ele se endereça ao vazio que habita a fala, mas o lugar desse endereçamento está situado dentro do próprio ser, não dentro do outro primeiramente; mas pelo fato de eu ser feito no material do Outro, ele é endereçado ao Outro que contendo em mim mesmo, ao Outro que primeiramente sou eu. (LEBRUN, 2008, p. 28)

Aqui se faz necessário distinguir o “gozo do ódio” do ódio. Enquanto o ódio é impossível de ser erradicado, pois é nosso constitutivo, o gozo do ódio não apenas pode mas deve ser erradicado, para que se evitem destroços maiores entre os seres humanos. O *gozo do ódio* consiste na satisfação que se pode tirar no mal endereçamento do ódio, isto é, ao invés de direcioná-lo para o vazio, podemos direcionar para o outro que nos denuncia.

O gozo do ódio é precisamente o fato de deixar o ódio realizar-se, cumprir-se como se esquecêssemos que ele é apenas a nossa resposta ao fato de que não colocamos mais a mão sobre o que a língua já nos subtraiu. (LEBRUN, 2008, p.32)

O que nos vale, em questão, é aprendermos a discernir entre o ódio que habita em nós e o desejo de gozá-lo, para que possamos endereçar da maneira correta e, assim, garantirmos uma subjetivação autêntica, capaz de encontrar no vazio que o Outro evoca o fundamento para nos humanizarmos (cf. LEBRUN, 2008, p. 26).

Por falta de referencialidade e ter deixado o homem ao desfrute do gozo, é que tudo que implica limite, acaba sendo tido como impróprio, inadmissível e que deve ser recusado. O autor fala em uma crise inédita da legitimidade na qual os pais se tornaram impotentes frente a necessidade de dizer não aos filhos (cf. LEBRUN, 2008, p. 42). No fundo, é a recusa do outro, o desatino de uma “perversão do laço social”.

4. GOZO, UM CAMINHO PARA A PERVERSÃO

Para fundamentar sua ideia, Lebrun entende o gozo à maneira lacaniana.

Lacan estabelece uma distinção essencial entre prazer e gozo, residindo este na tentativa permanente de ultrapassar os limites do próprio prazer. Este movimento, ligado à busca da coisa perdida que falta no lugar do Outro, é causa de sofrimento; mas tal sofrimento nunca erradica por completo a busca do gozo (ROUDINESCO, 1998, p. 300).

Enquanto o outro nos apresenta o vazio, não querendo admiti-lo, passa à negação e, conseqüentemente, à busca desenfreada da autoafirmação de onipotência. O gozo se estabelece, justamente, no viver sem limites. Tudo o que é limitável, que estabeleça ordenamento e direção, é desdenhado, resultando numa vida de ilusões.

Ora, como o direcionamento do ódio ficou comprometido, o que nós encontramos na sociedade atual é o que Lebrun chamará de ‘crise de legitimidade’. A criança precisa ser educada a direcionar o seu ódio, entretanto os seus pais optaram por excluir o “não” na educação por medo de perder o amor dos filhos (cf. LEBRUN, 2008, p. 41).

A referencialidade, portanto, passa por uma tenebrosa crise. Os pais, na sua grande maioria, não sabem mais o seu papel nem o seu lugar na educação dos filhos.

(...) o pai se esquia do ódio da criança ou subtrai-se, evitando sistematicamente o conflito. Nesse caso, não encontrando mais a direção para seu ódio, o jovem não se confronta mais com outro que, antes dele, já havia podido se confrontar com ele (ódio); conseqüentemente, não recebe mais o testemunho de que é possível transformar seu ódio em outra coisa (LEBRUN, 2008, p. 49)

Como a base da subjetivação está comprometida, as crianças não saberão se subjetivar, pois em troca haverá ausência de limites, falta de constrangimento e crise da autoridade. E o ódio que deveria ser redirecionado, acabará sedo buscado no seu pleno gozo. Estabelecendo, assim, uma perversão do laço social, passando a viver juntos sem o outro.

5. SINODALIDADE: ‘VIVER JUNTOS COM O OUTRO’

O pensamento de Lebrun nos leva, por ora, a considerar o que ele chama de “perversão do laço social” (cf. LEBRUN, 2008, p. 39), pois a alteridade está comprometida. O gozo se tornou uma opção prazerosa e arraigada, uma oferta agradável na qual nós não precisamos confrontarmo-nos com algo ou alguém, senão permitir-nos o existir livres e polipotenciados, frente a qualquer realidade.

No caso da perversão, importa gozar o ódio mais do que encarar o outro e o nosso vazio que garantem uma autêntica subjetivação. Não querendo nada perder, construímos uma vida ilusória, na qual o gozo encontra aconchego em nós, sem nos importarmos se estamos ou não nos humanizando. Enquanto a linguagem e o ódio nos tiram para a nossa humanização, o gozo nos preenche para a nossa perversão.

Usando a ideia do autor, obviamente com ressalvas, podemos falar também de certa ‘perversão eclesial’, onde o *eu*, produtora de uma religião individualista e intimista, busca gozar desenfreadamente os seus interesses, menosprezando tudo que possa fazer encarar o seu próprio vazio e crescimento.

Uma situação eclesial fechada em si mesmo, no que apenas lhe agrada e é confortável, faz negar as exigências no seu entorno. É o que temos visto em algumas situações eclesiais atualmente, grupos fechados em si e contrários à comunhão eclesial ou endereçados somente no que lhes interessa. E, quando constrangidos, acabam buscando a autolibertação de toda e qualquer autoridade.

Considerando o fato de uma perversão comum como um ‘viver juntos sem os outros’, a perversão eclesial não se distancia da mesma e única realidade: celebrar juntos/viver juntos, porém sem os outros, promovendo uma Igreja caduca e fechada às urgências do tempo presente. Uma Igreja libertina, porém não livre nem libertadora. Pois, “muitas vezes as certezas fecham-nos em nós mesmos. Escutemo-nos” (FRANCISCO, 2021, disponível na internet).

Enquanto o Outro me provoca e denuncia os limites que tanto nego para gozar, distanciar-nos dele é a solução, assim o gozo estará garantido. Desta forma, a proposta de sinodalidade se torna absurda numa eclesialidade cujo desejo é gozar, viver ilusoriamente.

O mundo, em que vivemos e que somos chamados a amar e servir mesmo nas suas contradições, exige da Igreja o reforço das sinergias em todas as áreas da sua missão. O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio. (FRANCISCO, 2015, p. 01)

O Papa Francisco tem sido deveras este outro, o referencial, o lugar de exclusão, neste cenário atual duma perversão eclesial. Ele tem atuado nos apontando o vazio que deve gerar palavras de conversão e formação autênticas da eclesialidade, apontando uma Igreja em saída. Tem se tornado uma referencialidade que constrange o gozo, e que nos redireciona a uma Igreja mais de comunhão, uma Igreja sinodal.

Ao lembrar à Igreja a sinodalidade como um “caminhar pela mesma estrada, caminhar em conjunto” (FRANCISCO, 2021, disponível na internet), escutando-nos e nos confrontando com nossos vazios, ele chama a atenção para um modo autêntico de ser igreja, que se compreende dentro dos limites da história e do mundo, para levar a cabo a sua missão.

Um Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar *é mais do que ouvir*. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o “Espírito da verdade” (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele “diz às Igrejas” (Ap 2, 7). (FRANCISCO, 2015, p. 02)

A sinodalidade é uma renúncia ao gozo de uma Igreja segundo nossas expectativas pessoais, sem comunhão nem participação, é uma real provocação a repensar o nosso ser Igreja que leva em conta o Outro, que caminha junto e está aberta ao mundo, lançada no mundo para tornar presente o Reino de Deus (LG, 3).

6. CONCLUSÃO

A linguagem é fruto do vazio e, conseqüentemente, o ódio é fruto da linguagem. Ele habita em nós de maneira constitutiva, não podemos livrar-nos dele, pois é íntimo a nós. E, assim como a linguagem, torna-se evidente à medida que um outro exige em nós considerar o vazio donde provém.

À medida que na alteridade este vazio se acentua, uma decisão devemos tomar: encará-lo e dele se valeremos para a nossa própria subjetivação ou distanciarmo-nos dele e decidir gozarmos, isto é, vivê-lo no âmbito da satisfação pessoal descomprometido com o Outro.

Aplicada a noção trazida pelo autor, podemos adequá-la à vivência eclesial atual. Considerando que a sinodalidade proposta pelo papa Francisco tem denunciado certa ‘perversão eclesial’, de uma Igreja excludente e distante, e nos convocado para a vivência da sinodalidade.

Uma Igreja sinodal, capaz de escutar o outro que fala, encarar os seus desafios, confrontar o seu vazio, e rumar para um caminhar juntos com os outros e não sem eles, é o anseio do Papa. Um convite à comunhão, participação e missão (FRANCISCO, 2021, disponível na internet), essenciais a uma eclesialidade madura, foi o apelo feito pelo Santo padre em sua homilia de abertura do Sínodo sobre a sinodalidade.

O vazio do túmulo (cf. Lc 24, 6; Mt 28, 6; Mc 16, 6) no Domingo da ressurreição nos convida a algo totalmente novo e inaudito, uma Igreja em comunhão e saída para anunciar a Boa Nova. Por fim, a sinodalidade constrange a quem não quer amadurecer.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Adriana de Freitas. **Lacan: entre linguagem e pulsão, por uma psicanálise do sujeito**. Revista Subjetividades, v. 15, n. 1. Fortaleza, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100007. Acesso em: 09 set., 2021.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO. **Discurso do Santo Padre. Comemoração do 50º da instituição dos sínodos dos Bispos**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 15 set., 2021.

FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco.** Celebração eucarística para a abertura do Sínodo sobre sinodalidade. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/20211010-omelia-sinodo-vescovi.html> Acesso em: 13 out. 2021.

FRANCISCO. **Discurso do papa Francisco para o início do percurso sinodal.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodale.html> Acesso em: 13 out. 2021.

LEBRUN, Jean-Pierre. **O futuro do ódio.** Porto Alegre: CMC, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

TOBIN. Joseph R. **Papa Francisco e sinodalidade.** O longo jogo. Trad. Wagner de Azevedo. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/609746-papa-francisco-e-sinodalidade-o-longo-jogo-artigo-do-cardeal-joseph-r-tobin>. Acesso em: 09 set., 2021.

VASCONCELOS, Sergio Sezino Douets. **Religião e perversão: a ilusão do “gozo pleno”.** Revista de Teologia e ciências da religião, Recife, v. 4. n. 1, p. 125-135, dezembro/2014.